



## CAPITAL CULTURAL E DESENVOLVIMENTO: AGENTES SOCIAIS ATUANDO EM REDE<sup>1</sup>

Patricia Bandeira de Melo<sup>2</sup>  
Isabel Raposo  
Luís Henrique Romani Campos

### Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar um estudo sobre o capital cultural em quatro cidades de Pernambuco – Bom Conselho, Buíque, Caruaru e Gravatá – escolhidas segundo o Índice de Desenvolvimento Humano e o crescimento econômico. A intenção é discutir em que medida o capital cultural de uma localidade, como parte do seu capital social, é capaz de contribuir para o desenvolvimento, a partir da constituição de redes sociais formadas por agentes locais.

**Palavras-chave:** capital cultural, desenvolvimento, cidade, agentes sociais.

### 1. Introdução

A preocupação com o desenvolvimento econômico é antiga e sua teoria vem se desenvolvendo de forma a associar cada vez mais duas questões essenciais: crescimento *versus* desenvolvimento econômico. A segunda geração de modelos de crescimento econômico, além de avaliar o impacto que os tradicionais fatores produtivos exercem no crescimento, passaram a considerar novos elementos que guardam uma relação mais direta com questões de bem-estar social, como a importância da educação, da pesquisa e a necessidade de intervenção pública para corrigirem falhas de mercado.

As teorias institucionalistas do crescimento recentes argumentam que as instituições também exercem um papel fundamental no crescimento econômico. Segundo Mathews (1986, 905), as instituições são compreendidas como um “conjunto de normas e obrigações que afeta a vida econômica das pessoas”. A cultura e a forma como os agentes sociais se relacionam são os determinantes que irão desenhar o arranjo institucional de uma sociedade. Abre-se assim um campo para o estudo do funcionamento das redes sociais e o seu impacto no desenvolvimento econômico de uma localidade.

---

<sup>1</sup> Este artigo teve origem na pesquisa *Metodologia para caracterização do nível de desenvolvimento em municípios de Pernambuco*, feita por pesquisadores da Fundaj e financiada pelo Plano de Ação do Programa de País do Fundo de População das Nações Unidas (CPAP-UNFPA), entre abril e setembro de 2007.

<sup>2</sup> Pesquisadores da Coordenação Geral de Estudos Econômicos e Populacionais da Fundação Joaquim Nabuco. E-mails: [patricia.melo@fundaj.gov.br](mailto:patricia.melo@fundaj.gov.br); [isabel.raposo@fundaj.gov.br](mailto:isabel.raposo@fundaj.gov.br); [luis.campos@fundaj.gov.br](mailto:luis.campos@fundaj.gov.br).

A teoria do capital social fornece um arcabouço teórico para explicar tal relação. A tese central da teoria do capital social é a de que redes sociais são um ativo valioso e a interação entre indivíduos leva à construção de comunidades e de um “tecido social” em que os indivíduos são compromissados entre si. Há evidências de que comunidades com alto estoque de capital social tendem a ter menos criminalidade, melhor saúde, mais escolaridade e mais crescimento econômico (INFED, 2007<sup>3</sup>).

Um importante componente do capital social é o capital cultural, que envolve, conforme será detalhado posteriormente, a forma na qual as pessoas interagem. Dentro deste contexto, a questão a que este artigo busca evidenciar é como o desenvolvimento de alguns municípios pode estar atrelado ao seu capital cultural. A hipótese é que a intervenção dos atores locais – sociedade civil organizada e governo – e o grau de interação entre os mesmos podem explicar as diferenças nos níveis de desenvolvimento. Em outros termos, a preocupação do artigo envolve uma visão mais estrita da relação entre desenvolvimento e capital social, por tratar de um de seus aspectos: o capital cultural.

Neste artigo, são estudados os casos de acúmulo e organização do capital cultural das cidades de Bom Conselho, Buíque, Caruaru e Gravatá, na Região Agreste de Pernambuco. A escolha destes municípios foi feita a partir do modelo econométrico que permitiu que fossem selecionados quatro tipos de situações de desenvolvimento/crescimento econômico. Cada um destes municípios está representando uma situação distinta, como explicaremos na metodologia.

O artigo está estruturado em sete seções além da introdução. Na primeira é apresentado o referencial teórico com ênfase no conceito de capital cultural. Na segunda é feito um breve relato da metodologia adotada na seleção dos municípios e também na pesquisa de campo. As demais seções apresentam análises individualizadas dos quatro municípios. A conclusão apresenta a comparação dos mesmos com sua classificação referente ao estágio de desenvolvimento/crescimento econômico e seu capital cultural.

## **2. Referencial teórico**

Nosso ponto de partida é a compreensão de Parsons (1970) sobre o sistema social e os subsistemas que o compõem: cultura, personalidade/indivíduo e organismo comportamental. O sistema social se constitui da interação entre os indivíduos, no qual

---

<sup>3</sup> [http://www.infed.org/biblio/social\\_capital.htm](http://www.infed.org/biblio/social_capital.htm). Acesso em: 09 mai 2007.

cada ator possui objetivos, idéias e atitudes voltadas para si mesmo e para os outros. No ambiente em que se insere, o indivíduo adapta-se, interage, integra-se e busca realizar objetivos, tentando manter padrões favoráveis para o grupo e para si, a partir do subsistema cultural, responsável pela conformação de valores, crenças e gostos dos atores sociais.

O elemento cultural é o guarda-chuva do sistema social por ser o local da transmissão do conhecimento e da elaboração de estratégias de ação do indivíduo. Parte da personalidade do indivíduo será formada a partir de matrizes de crenças e valores transmitidos socialmente. O comportamento será consequência da formação social do indivíduo através do processo interativo, que tende a ter uma conduta estável, mas pode promover desvios que muitas vezes resultam em mudanças sociais favoráveis.

A partir de Parsons, pode-se aferir a importância da interação no sistema social e o papel das instituições na formação de redes associativas para atingir o bem comum. Segundo Fernandes e Bonfim (2005), o conceito de capital social é atualmente uma das mais difundidas linhas de análise das ciências sociais. A relação público-privado, na rede que forma o capital social, promove a boa governança, ou seja, a capacidade gerencial dos governos, a eficácia de suas políticas e o processo decisório do desenvolvimento.

Vários autores que definem capital social – Bourdieu (1983), Coleman (1994), Fukuyama (2000) e Putnam (2000) – concordam que ele se constitui num ativo da coletividade ao qual os indivíduos recorrem para promover desenvolvimento. Woolcock e Narayan (2000) elaboraram o conceito de capital social sinérgico, considerando o papel das redes integradas e das instituições governamentais e não-governamentais. O capital social resulta da articulação entre as instituições que, na esfera pública, debatem para propor políticas públicas que atendam aos objetivos da maior parte dos indivíduos associados.

O capital social, na perspectiva bourdieusiana, constitui-se numa rede que permite o reconhecimento e a troca de bens materiais e simbólicos, favorecendo a multiplicação de outros tipos de capital, como o cultural, a partir dos signos que definem a posição do indivíduo no campo social<sup>4</sup>. O indivíduo, assim, distingue-se pelo *habitus*<sup>5</sup>, que lhe dá certa capacidade de ação dentro do campo social que representa.

---

<sup>4</sup> Segundo Bourdieu (2004), a sociedade estaria organizada em campos, que se comunicam e intercambiam informações, ao mesmo tempo em que se fortalecem em suas posições de campos autônomos e representativos, constituídos de capitais próprios além do capital econômico. A ação do agente será tanto mais significativa quanto melhor é a sua posição no campo e o prestígio que detém.

<sup>5</sup> O *habitus* consiste em disposições do homem a um modo de conduta, a exteriorização de um conhecimento incorporado acrescido de sua prática particular (seu capital cultural). Segundo Bourdieu (1996, 36), o homem

O capital cultural a que Bourdieu se refere possui três níveis: “encarnado no indivíduo na forma de *habitus*, objetivado em bens culturais ou institucionalizado em forma de credenciais e diplomas” (HIGGINS, 2005, 31). O conhecimento acumulado pelo indivíduo, seu talento e criatividade resultariam em seu capital cultural e a soma dos capitais de um grupo seria o capital cultural da coletividade. Bourdieu contribui para mostrar as relações entre cultura, redes sociais e poder.

Bourdieu percebe a importância da associação entre os indivíduos, uma vez que, em grupo, têm mais chances de alcançar objetivos. O acúmulo do *habitus* técnico e científico dos atores, das objetivações científicas na forma de máquinas e da institucionalização de títulos e diplomas somada aos recursos naturais e históricos de uma localidade são seu capital cultural. Os mecanismos culturais (religião, tradição, valores, normas) são fomentadores da cooperação. Há um potencial no patrimônio histórico-cultural de uma sociedade, na qual se encontra a capacidade de construir redes associativas detentoras de comportamentos desejáveis porque geradores de resultados favoráveis à coletividade.

Alguns autores que tratam do capital social colocam os aspectos culturais como determinantes das relações de confiança e de solidariedade. Valores e normas sociais transmitidos no tempo promovem a formação social do indivíduo, deixando-o sensível ou não à constituição de redes associativas. Segundo Flusser (FLUSSER, 1988, apud FREITAG-ROUANET, 2000), o conceito de *cidade* implica em vida urbana civilizada. Para existir esta vida urbana civilizada, a cidade necessita de espaços privado, político e cultural. A arquitetura, a música, a pintura e as artes plásticas são capazes de reforçar a instituição *cidade* como espaço cultural e são constituintes de seu capital cultural.

O privado se constitui na existência do lar de cada indivíduo; o político, o lugar das práticas discursivas do convencimento e do debate de idéias; e o cultural o espaço para a expressão da arte e da contemplação. O espaço cultural e político se misturam, em certa medida, com o conceito de espaço público de Habermas (HABERMAS, apud GOMES, 1998), local de expressão discursiva de idéias, onde os indivíduos se reúnem para discutir e fazer deliberações de ações para o convívio público. Estes espaços são praças, igrejas, construções históricas, parques com belezas naturais, são estilos arquitetônicos e expressões de arte que vão se tornar o símbolo de originalidade da cidade em seu aspecto cultural.

---

tende a perpetuar seu ser social, usando “estratégias de reprodução, estratégias de fecundidade, estratégias matrimoniais, estratégias de herança, estratégias econômicas e, por fim, estratégias educativas”.

A história do município ajuda na constituição do espaço cultural, traduzindo a sua identidade, ao resultar em algo único, específico. Esta especificidade dá a cada cidade uma condição de distinção simbólica. É o acúmulo de marcas de distinção que faz da cidade ser específica, mesmo que geograficamente próxima a outras, compartilhando clima, relevo e parte de sua história. A diferenciação se constrói pelas expressões políticas, econômicas e culturais, decorrentes de movimentos populares e de investimentos públicos que vão construir o capital simbólico<sup>6</sup> da cidade. A existência de redes sociais que formam o capital social de uma cidade está vinculada à existência de condições específicas da cultura local.

É interessante ainda ter em mente a questão do gosto. Como afirma Bourdieu (1991), o gosto é usado pelos indivíduos como uma forma de distinção: determinadas atitudes e atividades culturais podem ser aceitas ou rejeitadas como forma de garantir acesso a grupos sociais – os chamados campos sociais. Na teoria econômica, o gosto também assume um valor crucial, pois é o elemento responsável pela abertura de mercados.

As preferências do consumidor definem as demandas por bens e serviços. A importância econômica da cultura é evidente por seu potencial gerador de riquezas, mas somente a cultura que agrega os indivíduos, garantindo a formação de redes sociais e ajudando na valorização da sua identidade. Os gostos e preferências são elementos ao mesmo tempo individuais e culturais, que pautam a construção do capital social. É através do reconhecimento de grupos sociais específicos que o indivíduo encontrará ambiente para a construção de redes de confiança e solidariedade, necessária ao capital social.

Para este artigo, busca-se identificar o capital cultural de cada município e que é capaz de fomentar seu capital social, a partir de elementos que caracterizam a cidade como espaço cultural: indivíduos e suas práticas artístico-culturais, museus, teatros, bibliotecas, praças públicas, parques, locais e construções históricas, igrejas e sua preservação ou consolidação como lugares de expressão artístico-cultural. Foi considerado o enfoque das políticas públicas na realização de eventos culturais que sejam alavancadoras da economia, tais como festivais culturais, feiras regionais, comércio de arte e o *trade* turístico local.

É preciso pensar cultura como uma teia que favorece a interligação entre os indivíduos, através da identidade, da produção de arte, de normas e valores transmitidos e que pode favorecer ou não a associação entre os membros da coletividade para alcançar

---

<sup>6</sup> Isso pode ser pensado a partir de museus, escolas, teatros, cinemas e espaços de expressão da arte local, além das peculiaridades da produção cultural de um município (artesanato, literatura, música, dança).

objetivos comuns. A história pessoal de cada indivíduo, somada ao coletivo, determina as relações sociais no espaço público: o capital cultural de uma determinada coletividade pode estimular a constituição de estruturas de gestão participativa para o desenvolvimento local.

### **3. Metodologia**

Para escolher os municípios conforme uma tipologia de desenvolvimento, foi feita uma matriz que relaciona o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e a estimação do crescimento econômico per capita de cada cidade decorrente de fatores sociais, de 1999 a 2004, controlado para os recursos edafoclimáticos<sup>7</sup>. Foram identificados quatro tipos de desenvolvimento: (i) municípios com IDH abaixo da média do Agreste, com crescimento do PIB per capita aquém do seu potencial edafoclimático; (ii) municípios com IDH abaixo da média do Agreste, com crescimento do PIB per capita além do potencial natural; (iii) municípios com IDH acima da média do Agreste, com crescimento do PIB per capita aquém do potencial edafoclimático e (iv) municípios com IDH acima da média do Agreste, com crescimento do PIB per capita além do potencial natural.

Os municípios mais populosos de cada um desses grupos foram escolhidos para um estudo de caso mais aprofundado. Da tipologia (i) foi selecionada a cidade de Buíque, da (ii) a de Bom Conselho, da (iii) a de Caruaru e da (iv) a de Gravatá. Neste artigo, o foco é a análise da intervenção humana no desenvolvimento local a partir do seu capital cultural. A realização de entrevistas em profundidade e de grupos focais possibilitou a elaboração de um diagnóstico da situação do capital social dos municípios e, conseqüentemente, de seu capital cultural, o que permitiu compreender os mecanismos que pudessem afetar o desempenho diferenciado do dinamismo econômico.

### **4. O capital cultural de Bom Conselho**

Bom Conselho foi a cidade onde se observou, na fase de seleção dos municípios, IDH abaixo da média e crescimento do PIB per capita acima da capacidade edafoclimática. Em outros termos, trata-se de município em situação intermediária de desenvolvimento/crescimento. Sua economia é baseada na agropecuária, notadamente a pecuária leiteira e os hortifrutigranjeiros, e nos serviços (principalmente o setor público). O

---

<sup>7</sup> Recursos edafoclimáticos são o conjunto de características de solo e clima. Para mais detalhes sobre a metodologia de seleção dos municípios ver a pesquisa que deu origem a este artigo, disponível na Fundaj.

capital cultural de Bom Conselho é calcado na religiosidade, no artesanato, na atividade turística e na associação entre a pecuária leiteira e as festas populares.

Contudo, embora Bom Conselho tenha uma história de construção e preservação de um capital cultural com base, sobretudo, na religiosidade, mostraremos que em função de comportamentos oportunistas e parco espírito de cooperação, os agentes sociais não têm conseguido agregar a este patrimônio cultural um turismo eficiente. Tampouco seu artesanato tem conseguido se diferenciar do ponto de vista estético. Além disso, Bom Conselho não tem aproveitado o fato de se localizar tão perto de Garanhuns, uma das principais atrações turísticas do interior de Pernambuco<sup>8</sup>.

Entre seus pontos histórico-turísticos, estão: i) Igreja do Colégio de Nossa Senhora do Bom Conselho (séc. XIX); ii) Matriz da Sagrada Família (séc. XIX) e iii) Ermida de Santa Terezinha (no mirante da cidade). Com este perfil, o município foi incorporado à Rota da Fé, roteiro elaborado pelo Governo do Estado que combina religiosidade e beleza histórica de igrejas, mosteiros, santuários, conventos e ermidas de vários municípios. Além do apelo religioso, a cidade possui outros atrativos turísticos ligados a belezas naturais (cachoeiras do Pinto e da Rainha Izabel, corredeira Poço da Nega e Furna de Maria Dantas) e históricas (antiga Cadeia Pública, Buraco do Bulundi ou Caverna dos Flamengos). Esta caverna teria sido cavada pelos invasores holandeses no século XVII.

Um complemento do potencial turístico é seu conjunto de festas populares. Neste quesito, novamente a religiosidade se faz presente com a festa da padroeira (Sagrada Família), o reisado de raiz, as festas juninas e a festa de Nossa Senhora do Bom Conselho. O potencial da pecuária se reflete na associação entre as festas populares e a exposição de animais de leite, além da realização de vaquejadas e cavalhadas.

A cultura negra, em virtude da existência de um antigo quilombo no município, é expressa pelo maracatu reciclado. De modo geral, a cultura do município é constituída de elementos comuns da cultura pernambucana, com alguns grupos folclóricos que resistem à interferência da globalização, entre eles aboiadores, reisados, cocos de roda, zabumbas, cantadeiras de *Incelência*, pastoris, jogos populares, cantigas de roda e brincadeiras infantis.

---

<sup>8</sup> Bom Conselho dista em 44 km de Garanhuns, cidade que conta com o maior Festival de Inverno do Estado, evento que dura cerca de dez dias e promove oficinas culturais, espetáculos de dança, teatro e shows musicais com atrações locais, nacionais e internacionais.

No artesanato, o trabalho feito com palha de bananeira e com cabaça vem ganhando uma roupagem local em termos de criatividade. Há trabalhos feitos em madeira, gesso, vitral e granito, com destaque para alguns artesões individuais que trabalham com arte sacra. Os argumentos revelados pelos agentes culturais consultados evidenciaram, porém, que o artesanato local não tem conseguido consolidar o seu capital cultural, assim como a atividade turística se revela como potencial por razões que serão descritas adiante.

O problema do artesanato local é a falta de elementos que o diferencie do de outras cidades. A ausência de identidade estética tem afetado o interesse da população local pelo artesanato, dificultando a criação de um mercado interno para a arte. Em grupo focal realizado para a pesquisa, foram relatadas duas iniciativas que corroboram o fato: um chá beneficente com exposição dos artesãos locais, onde poucos venderam suas obras, e a feira de artesanato feita pela prefeitura, Sebrae, Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL) e Banco do Nordeste do Brasil, não repetida após a primeira edição.

Há, contudo, alguns santeiros que trabalham com santos em madeira e conseguem vender suas peças fora de Bom Conselho. Esses são, no entanto, casos isolados provenientes de esforço e talento individualizados e não beneficiados por um ambiente de capital cultural já construído. Os relatos dos artesãos também revelaram a falta de espírito de cooperação entre os agentes deste segmento.

Apesar do relato de pouca cooperação existem algumas associações de artesãos: i) a Associação de Artesãos de Bom Conselho, criada em 2003 com a função de promover reuniões entre artesãos para discutir suas necessidades e prover espaço para exposição e venda de seus trabalhos (A Casa do Artesanato); ii) a Associação Mista para o Bem-Estar da Mulher, que reúne cerca de 300 artesãs do Distrito de Queimadas e realiza capacitação, constituindo-se em espaço de conscientização da mulher sobre seus direitos; e iii) a Associação dos Quilombolas da região de Angico de Cima (ou Angico dos Louros), fundada em 2002, com atuação na agricultura e na realização de trabalhos relevantes para a cultura local, como oficinas de dança e percussão, afoxé, maracatu, reisado e a realização da festa da santa padroeira dos negros, Nossa Senhora do Rosário.

O Sebrae já tentou ofertar cursos para estimular o cooperativismo, mas não despertou interesse da população. Apenas mais recentemente os artesãos perceberam a importância do associativismo com a fundação da Associação dos Artesãos. A organização incipiente do setor dificulta a busca por patrocínio para a realização de eventos locais. O

papel da prefeitura no segmento cultural se relaciona principalmente à manutenção de sítios históricos, provisão de infra-estrutura para eventos, divulgação e logística para o transporte de artesãos para feiras fora da cidade<sup>9</sup>. Como este apoio é pessoal, acaba por ampliar o individualismo. Enquanto isso, poucos artistas sobrevivem da arte, trabalhando em outros setores, especialmente no serviço público, principal gerador de emprego na cidade.

O insucesso das tentativas de realização de feiras locais já relatados minou a pouca cooperação existente no artesanato local. Esta baixa cooperação se reflete também em outros segmentos. O comércio possui duas representações (a CDL e a Associação Comercial) que disputam ações, ao invés de interagirem. Os presidentes das duas entidades relataram que é comum entre os comerciantes a postura de *free rider*<sup>10</sup> em eventos realizados. A cultura local de pouca cooperação é percebida pela existência de cooperativas na agropecuária que resultam de iniciativa individual (cooperativa com “dono”, no linguajar dos agricultores).

Com relação ao turismo, Bom Conselho ainda não dispõe de um *trade* turístico organizado: a cidade não tem hotéis, pousadas, bons restaurantes e opções de lazer para receber turistas. A construção do capital cultural a partir do potencial turístico do município pode gerar efeitos positivos também para o artesanato local, que se beneficiaria da possibilidade de ampliação de seu público consumidor.

Por possuir um patrimônio significativo de pontos e construções históricas e fazer parte da Rota da Fé, o município de Bom Conselho possui grande potencial cultural e turístico. Entretanto, esse potencial não está se refletindo em desenvolvimento social e crescimento econômico devido à baixa cultura de cooperação, reflexo do individualismo tanto em nível empresarial quanto entre os artesãos locais.

## **5. O capital cultural de Buíque**

Buíque foi a cidade onde se observou, na fase de seleção dos municípios, IDH abaixo da média e crescimento do PIB per capita abaixo da capacidade edafoclimática. Em outros termos, trata-se de município em situação inferior de desenvolvimento/crescimento. Assim como Bom Conselho, a economia do município é baseada no binômio serviços

---

<sup>9</sup> A Prefeitura de Bom Conselho oferece o deslocamento para participação na Feira Nacional de Negócios do Artesanato (Feneart), no Recife, reunindo obras de artesãos de Pernambuco e de outros estados do Nordeste.

<sup>10</sup> Free rider (carona grátis) é um termo utilizado para caracterizar aqueles agentes econômicos que esperam que um determinado bem público seja oferecido gratuitamente por outro agente, sem fazer nenhum esforço em que o mesmo seja oferecido. Em um único termo, seriam os agentes econômicos oportunistas.

(governo) e agropecuária (pecuária leiteira, culturas de subsistência e crescimento recente da fruticultura baseada no caju).

O ponto focal do capital cultural de Buíque é o Vale do Catimbau<sup>11</sup>. A agência Estadual de Planejamento de Pernambuco (Condepe/Fidem) o classifica como o principal atrativo cultural do município. O vale é formado por um complexo de serras, vales, rochas cavernas, fontes, cemitérios indígenas e sítios arqueológicos numa área de 90 mil hectares. Neste vale também está localizada a reserva indígena dos Kapinawá. Em 2002, foi criado o Parque Nacional do Catimbau, mas sua regularização fundiária e efetiva implantação pelo Ibama ainda não ocorreu. Isto faz com que nem o potencial turístico total do local seja conhecido e explorado pela população, em geral, formada por índios e posseiros.

A área tem potencial para o ecoturismo, mas falta divulgação e a recuperação das trilhas, locais fixos para alimentação, contratação de guias turísticos e construção de pousadas. Segundo a imprensa local, a meta da prefeitura é integrar o ecoturismo às atividades de lazer cultural, tendo como ponto de partida o aproveitamento da Fazenda Pintadinha, onde passou parte da infância o escritor Graciliano Ramos, autor de *Vidas Secas*. O Vale repercute no capital cultural de Buíque em três frentes: i) influencia as manifestações culturais e determina o tipo de artesanato local; ii) influencia a religiosidade/misticismo da população e iii) é o pivô da construção de uma identidade local.

A presença indígena no vale se reflete no artesanato, que em parte é baseado na palha e na dança, como o samba-de-coco, traço forte na identidade cultural dos indígenas. Em torno do samba-de-coco já existem projetos de registros em CD e DVD com o objetivo de preservar e difundir a cultura regional. O artesanato em madeira, feito por artesãos residentes no vale é em peças esculpidas em troncos de árvores, retratando o histórico do Sertão, do cangaço e do homem da roça. A presença do cangaço na identidade cultural do município é forte, refletindo-se no artesanato e na cultura oral dos moradores. Atualmente, um cangaceiro remanescente ainda vive no município. Tendo em vista as características geológicas do vale, é possível supor inclusive que a presença forte do cangaço se deve à existência de grutas e cavernas de difícil acesso, onde os cangaceiros poderiam se esconder.

O misticismo ligado ao Catimbau não emana apenas da população indígena, mas também por hipóteses levantadas por um morador local sobre a presença, na pré-história, de

---

<sup>11</sup> O nome Catimbau recebe vários sentidos para os moradores: Cachimbo velho pequeno, prática de feitiçaria, terra de caboclo, homem ridículo.

fenícios e astecas no vale. Mais recentemente, um líder místico conhecido como Meu Rei fundou uma comunidade conhecida como Fazenda Metafísica e Teológica Princípio de um Reinado, onde atualmente seus seguidores têm se utilizado da “água da vida” ou “estratosa”<sup>12</sup>.

Contudo, o vale tinha uma imagem negativa para a população local até recentemente, visto que nele o índice de pobreza é muito elevado (não se pode esquecer o sentido de Catimbau associado a “homem ridículo”). Somente após a conscientização da população de sua riqueza histórica e ecológica é que está se formando uma identidade cultural positiva com relação ao local. A difusão do turismo ecológico e de aventura pelo mundo fez surgir nos indivíduos um sentimento de que o Catimbau pode ser utilizado de forma econômica, propiciando no futuro uma melhor renda. Mais do que ver no vale um potencial turístico, os indivíduos hoje o reconhecem pelo seu legado histórico, o que é ponto muito importante para a construção de capital cultural.

Além do vale, a cidade dispõe do Museu Eduardo José de Freitas, da Biblioteca Graciliano Ramos, de duas igrejas, praças públicas e um clube municipal. Não há teatro nem cinema. Já existem websites que divulgam a cidade, com destaque para o Vale do Catimbau. O município tem agentes culturais integrados à prefeitura, sociedade civil organizada, Ibama e Sebrae. A partir do segmento da sociedade civil foi criada a Associação de Guias Turísticos do Catimbau (Agturc), que tem por função reunir os condutores turísticos para a organização dos passeios promovidos para o Vale do Catimbau.

O Sebrae teve papel fundamental na criação desta entidade, pois promoveu a realização de cursos que apontaram a necessidade de organização para dar suporte aos guias em seu trabalho. A prefeitura também teve sua contribuição, pois paga o aluguel da sede e tem planos para a construção de um receptivo turístico para o município. O Ibama regulamenta o uso do espaço do vale para sua preservação. Entretanto, apesar da prefeitura e do Ibama integrarem a governança do capital cultural local, ainda não adotaram ações para viabilizar um ambiente institucional propício para o desenvolvimento de redes sociais que sustentem o Catimbau como patrimônio cultural. Não há um trabalho efetivo de conscientização da riqueza ecológica e arqueológica do vale. O secretário de Ação Social de Buíque admite que falta explorar o turismo ecológico de forma sustentável, há

---

<sup>12</sup> O líquido resultaria de um preparo místico com “seiva da juventude, estrato de vida e energia do espírito de Deus”, como narram os guias turísticos.

problemas com a preservação na área, onde muitas famílias vivem e fazem a retirada de lenha e realizam plantio para a sobrevivência.

Os índios vivem isolados e não se observam ações do poder público ou da Agturc que promovam a integração da reserva indígena ao patrimônio cultural do vale. O discurso dos guias turísticos e artesãos é de que os indígenas estariam “indispostos” a cooperar e a se integrar em um movimento de valorização da cultura porque preferem se manter distantes. Até que ponto é salutar a integração da comunidade Kapinawá numa rede social da cultura e do turismo cultural é uma questão difícil de se responder sem estudos antropológicos mais aprofundados sobre o assunto.

O artesanato de Buíque, a Fazenda Pintadinha e as histórias de cangaço também são elementos de seu capital cultural, mas não têm obtido expressão fora da cidade. O secretário de Ação Social de Buíque diz que há artesãos conhecidos, “*mas é preciso trabalhar a questão da qualidade*”. Não se sabe o número de artistas no município e não existe um ponto de venda do artesanato. Os artesãos ficam restritos à venda em suas casas, ao museu local ou à participação em feiras, com o apoio da prefeitura e do Sebrae.

O município, através de seus agentes sociais, não tem conseguido estruturar ações que dêem visibilidade ao seu capital cultural. À exceção das iniciativas do Sebrae e guias turísticos que criaram a Agturc para formar um espaço para se pensar o turismo cultural, não se observa uma coordenação eficiente entre os agentes do capital cultural local. A cidade não conseguiu prover uma infra-estrutura de divulgação de seu capital cultural e o recebimento de turistas. A cidade não dispõe de rede de hospedagem adequada e os visitantes que vêm à cidade para visitar o vale ficam em Arcoverde, a 30 km de Buíque.

## **6. O capital cultural de Caruaru**

Caruaru foi a cidade onde se observou, na fase de seleção dos municípios, IDH acima da média e crescimento do PIB per capita abaixo da capacidade edafoclimática. Em outros termos, trata-se de uma cidade com situação satisfatória, mas com necessidade de intensificar seu crescimento. Ao contrário de Buíque e Bom Conselho, a economia caruaruense se baseia na indústria (pólo de confecções e artesanato) e em serviços (comércio, turismo e serviços públicos), com a agricultura perdendo espaço na economia.

A posição geográfica do município fez com que, historicamente, o comércio florescesse em torno da Feira de Caruaru, que tem importantes desdobramentos culturais.

Nesta feira são expostos trabalhos em cerâmica, madeira, tapeçaria, granito, corda, cana brava, palha de catolé, rendas e bordados. Pode-se afirmar que a presença da feira permitiu que o Alto do Moura, bairro da cidade, ganhasse sua atual conotação cultural.

Este bairro reúne artesãos que seguem o estilo figurativo, seguindo a tradição de Mestre Vitalino, o primeiro artesão a se instalar no Alto do Moura. Com o estilo e a forte visibilidade propiciada pela feira, hoje o município possui uma referência cultural marcada pelo artesanato. Por retratar a vida do Sertão na forma figurativa os *Bonecos de Vitalino* ajudam a que Caruaru ganhe o status de referência nas tradições sertanejas, o que facilita ganhar outra importante marca, a de Capital do Forró. Note-se que existe uma forte interligação entre artesanato figurativo, a Feira de Caruaru e o município ser considerado a Capital do Forró: os três aspectos culturais marcam o capital cultural do município.

A Feira de Caruaru implanta uma cultura de *feiras* na cidade, o pode ser comprovado com a existência da Feira da Sulanca, onde é vendida a produção de confecções de todo o pólo, a feira do troca-troca e a dos importados. Já existe também no município estruturas de vendas no formato *outlet*, que tentam manter constante o fluxo de vendas ao longo da semana, não a concentrando apenas nos dias de feira. Com este grande número de feiras e a importância do comércio, o turismo de negócios em Caruaru responde por cerca de 71% do fluxo turístico, atraindo empresários dos ramos de confecções, seguros, indústria e construção civil<sup>13</sup>.

Deve-se destacar, contudo, que o conteúdo do que é vendido nas feiras e seu formato de realização permitem considerar que este fluxo também tem conotação cultural. Em outras palavras, mesmo sendo contabilizado como um turismo de negócios, é um turismo estritamente ligado à cultura local. É certo, contudo, que os 29% restantes do turismo estão ligados fortemente a festas populares, onde o traço cultural de Caruaru é muito marcante: os festejos de São João.

O município é conhecido como a Capital do Forró e Princesa do Agreste e ocupa um espaço importante no calendário folclórico brasileiro, promovendo uma das mais animadas festas juninas do Brasil. Ao contrário de Campina Grande<sup>14</sup>, o São João de Caruaru ganhou dimensão nacional de forma natural, ou seja, emergindo das tradições e

---

<sup>13</sup> Esses dados foram fornecidos pela diretora de Turismo, Isabel Santos, que desenvolveu pesquisa sobre o turismo de Caruaru.

<sup>14</sup> O São João de Campina Grande, que rivaliza com Caruaru em tamanho, é uma festa construída pelo poder público desde sua origem.

dos grandes atrativos dos festejos, o que mostra um forte capital cultural baseado nas tradições sertanejas. Rivalizando com o final do ano, o São João é a época de maior movimento no comércio caruaruense. Outros setores dobram e até triplicam o movimento durante o São João, como a gastronomia e a hotelaria. Os artistas locais também contam com uma importante oportunidade de faturamento no período junino. Além do São João, o calendário de eventos registra a Festa do Comércio, o Encontro Nordestino de Violeiros e a Vaquejada de Caruaru (Condepe/Fidem, 2007).

A culinária é um forte atrativo em Caruaru e no entorno, marcando outro aspecto da cidade ser referência da cultura sertaneja. Entre os pratos típicos, estão arroz doce, bolos de fubá, massa de mandioca, milho, batata doce e macaxeira, canjica, cocada, mungunzá, tapioca, cuscuz, pamonha e pé de moleque. São ainda de interesse turístico o Sítio Jacaré (com a produção artesanal de artigos em couro), o Memorial da Feira, o Morro do Bom Jesus, o Parque Ecológico Municipal/Reserva Estadual de Mata Atlântica e os sítios arqueológicos da Boa Vista, do Caldeirão e da Serra do Medo, a Pedra do Sítio Zambá (com grafismos rupestres), a Pedra da Torre (cortada pelo Rio Ipojuca e com vegetação de bromeliáceas e cactáceas), serras, mirantes e açudes.

Atualmente, a governança do turismo é composta pelos seguintes agentes: associações de empresários do *trade* turístico, Sebrae, Senac, instituições financeiras, universidades e demais órgãos de pesquisa, Fundação de Cultura e Conselho Municipal de Turismo. Apesar do turismo vir se firmando como atividade de destaque econômico, é um segmento em que seus agentes têm encontrado dificuldades na construção de redes sociais.

Os principais problemas enfrentados pelo setor vão desde a qualidade da oferta de infra-estrutura hoteleira, passando pela escassez de mão-de-obra, até dificuldades na consolidação da governança. O grande problema está na qualidade dos serviços prestados. Há problemas na infra-estrutura de restaurantes: o pólo gastronômico do Alto do Moura é improvisado, com deficiências na qualidade da comida e de saneamento (condições de cozinhas, banheiros e escoamento de dejetos). A força de trabalho não se encontra suficientemente capacitada para o atendimento dos serviços. O Senac até pouco tempo encontrava dificuldades em fechar programações nas áreas de formação de garçons e de serviços ligados ao turismo por falta de demanda, o que demonstra problemas de coordenação entre os agentes.

Esta má coordenação talvez se deva ao fato de que o setor turístico não teve um espaço oficial nas secretarias municipais e porque seus agentes privados não se articularam de forma a desenvolver um plano estratégico para o setor. Os empresários da área, ao não identificar uma governança em que outros agentes além deles mesmos poderiam desenvolver um papel pró-ativo, passaram a agir isoladamente, buscando apenas a rentabilidade individual, sem enxergar perspectivas de ampliação. Este “desmantelo” da governança do turismo fez com que o Conselho Municipal do Turismo, local em que todo o *trade* turístico deveria discutir a atividade, perdesse gradualmente importância e ficasse praticamente inativo, cumprindo apenas função informativa por mais de cinco anos.

## **7. O capital cultural de Gravatá**

Gravatá foi a cidade onde se observou, na fase de seleção dos municípios, IDH acima da média e crescimento do PIB per capita acima da capacidade edafoclimática. Em outros termos, trata-se de um município com a melhor situação possível. A economia de Gravatá apresenta diversificação maior que os outros três, pois possui o setor agropecuário dentro da média da mesorregião, algum desenvolvimento industrial (não tão intenso quanto o de Caruaru) e rápido crescimento no turismo. Diferentemente de Caruaru, cujo maior fluxo turístico é o de negócios, o turismo de Gravatá é de lazer, um turismo de segunda residência de fins-de-semana. É a partir da demanda deste setor que se desenvolvem as demandas por outras atividades.

Gravatá guarda semelhanças culturais com os municípios de seu entorno, entre eles a cidade de Caruaru. A culinária, os festejos juninos e o clima são semelhantes. Entretanto, Gravatá dispõe de uma arquitetura singular, com chalés em estilo alpino. Junto a Caruaru, Gravatá lidera as atrações nas festas juninas. O setor imobiliário tem um reforço nesta época, quando turistas alugam imóveis por temporada.

Em termos turísticos, os condomínios de fins de semana são o principal diferencial de Gravatá e atraem, sobretudo, recifenses que fazem dessas habitações residências de fim de semana e as planejam como futura moradia após a aposentadoria. Com a duplicação da rodovia federal BR-232, houve um *boom* na procura por este tipo de moradia. Além do incremento imobiliário foi registrado um crescimento na oferta de diversos tipos de serviços, que vão desde mão-de-obra para o trabalho doméstico nos condomínios até

serviços ligados ao *trade* turístico. Gravatá abriga excelentes restaurantes com cardápios regional e internacional, hotéis-fazenda e haras.

O festival gastronômico, a feira de negócios, o festival cultural, o circuito do frio e a festa do cavalo movimentam durante todo o ano o segmento de serviços turísticos. O turismo religioso está crescendo, uma vez que há várias manifestações religiosas que se transformam em espetáculos regionais, como as festas de Reis e de São Sebastião, a Semana Santa e o São João.

Além do turismo originado por essas festividades, Gravatá tem perfil para o turismo ecológico, com várias serras e locais de beleza natural. Há lagos, açudes, cachoeiras, mirantes, parques, cultivos de flores, plantação de morangos e um orquidário como atrativos turísticos. No turismo de aventura, a cidade dispõe de trilhas, túneis e pontes. O município possui locais históricos, como igrejas, casarões antigos, chalés e escadarias. Vale ressaltar o artesanato local. A Estação do Artesão, antiga estação ferroviária, é o local onde são vendidas as obras dos artistas da cidade. São peças de todos os gêneros, desde a tradicional Bonequinha da Sorte até telas, esculturas, objetos, móveis em madeira e vime, peças em bronze, brinquedos educativos, talhas e cerâmicas utilitárias.

Gravatá possui uma dinâmica de espírito de cooperação entre seus agentes que impulsionou parcerias para o desenvolvimento de iniciativas que, mesmo distintas, são dependentes entre si. Isso distingue Gravatá das outras cidades. O turismo é um dos fios condutores da cooperação, o que fortalece o seu capital cultural. O setor hoteleiro firma parcerias com o gastronômico e com o artesanato que, por sua vez, faz parcerias com organizações não-governamentais para realizar trabalhos de geração de renda.

Por sua vez, o comércio estrutura as lojas para receber turistas com ajuda da prefeitura, Sebrae e associações. A prefeitura visa criar na rede de ensino municipal a disciplina *Conscientização para o turismo e o meio-ambiente*. Até a área rural é influenciada pelo turismo, de forma que as culturas e criações locais, como as flores, os morangos e o turismo equestre estão ligados a festivais culturais. Em parceria com empresários e o Sebrae, a prefeitura transformou o antigo Festival de Morango no Festival Cultural, ampliando-o para abranger os segmentos de artesanato, flores, móveis e gastronomia.

Em função desta transversalidade da atividade turística de Gravatá, a governança do setor envolve agentes de diversos segmentos econômicos e sociais. São eles: associações

empresariais locais, Associação das Secretarias de Turismo do Estado de Pernambuco (ASTUR/PE), Secretaria Municipal de Turismo, Associação de Turismo de Gravatá, Sebrae, Senac, instituições financeiras, órgãos de ensino e pesquisa, associações de cultura e artesanato e ONGs que desenvolvem atividades culturais.

Apesar do forte traço do turismo no capital cultural de Gravatá, é importante destacar que existe no município uma cultura associativista anterior ao crescimento do turismo. O Círculo Operário, com origens na década de 1960, atua até hoje no apoio e estruturação de associações. Todas as associações hoje existentes no município receberam apoio do Círculo Operário em seus processos de formação. Pode-se afirmar que a cooperação que hoje impulsiona e é impulsionada pelo turismo existe muito em função da cultura dos agentes locais, que é diferente da que foi observada nos outros três municípios.

Alguns exemplos desta cultura de cooperação são: a Associação de Artesãos de Gravatá (AAG), a Academia de Letras e Artes de Gravatá e o Instituto Cultural Gravataense. Várias ONGs, como a Associação dos Amigos do Meio-Ambiente (AMA), o Grupo de Apoio aos Meninos de Rua (GAMR) e a Casa de Mulheres, têm projetos de cultura e artesanato para promoção da cidadania e geração de renda, tendo os turistas como principais consumidores.

Um exemplo de projeto é a confecção das Bonequinhas da Sorte, cuja produção é apoiada pela Visão Mundial, Casa da Mulher e AAG e se transformou num projeto de geração de renda para mulheres carentes. A Visão Mundial e a KHN (Kindernothilfe – agência de desenvolvimento alemã) também fazem parcerias com o GAMR para os financiamentos de oficinas de jóias de prata e da estrutura da entidade. Outro parceiro é o Brazil Foundation, organização não-lucrativa que mobiliza recursos para as áreas de educação, saúde, direitos humanos, cidadania e cultura e deve financiar a compra de instrumentos musicais e de material didático para o GAMR.

## **Conclusão**

Ao se pensar no conceito de capital cultural, a reflexão inicial acerca dos municípios analisados é definir em que medida eles se constituem em cidades, considerando seu espaço cultural e a importância da cultura na valorização de redes sociais para atingir o desenvolvimento. A resposta a esta questão, pelos dados deste artigo, indica que

especialmente Bom Conselho e Buíque precisam reforçar estas redes para fortalecer sua identidade.

Como já afirmamos, embora Bom Conselho conte com uma história de construção e preservação de um capital cultural fortalecido pela religiosidade, verificamos que os comportamentos oportunistas dos agentes sociais locais e o precário espírito de cooperação entre eles prejudicaram a consolidação de uma infra-estrutura turística que aproveitem tanto o seu patrimônio cultural quanto a sua proximidade a Garanhuns. Isso dificulta a geração de desenvolvimento com base no capital cultural.

No caso de Buíque, o Vale do Catimbau, que tem influência sobre as manifestações culturais e praticamente determina o tipo de artesanato local, atuando também sobre a religiosidade/misticismo de sua população, é hoje o pivô da construção de uma identidade local positiva. Entretanto, a pendência quanto à regularização fundiária do Parque Nacional do Catimbau por parte do Ibama e a falta de um ambiente institucional propício para o desenvolvimento de redes sociais que sustentem o vale como patrimônio cultural fazem com que o potencial turístico deixe de ser reconhecido e explorado de forma sustentável, fomentando o desenvolvimento.

Caruaru, cuja principal identidade do capital cultural é a arte figurativa, as festas juninas e as feiras, precisa fortalecer as redes que compõem o setor turístico. O segmento não tem espaço oficial no poder público, o que leva os empresários a atuarem de forma isolada, comprometendo a infra-estrutura turística no que tange à qualidade dos serviços hoteleiros e à gastronomia, enfraquecendo o seu capital cultural. Embora o capital cultural de Caruaru seja elevado por sua tradição comercial, por seu artesanato marcante e pela culinária e músicas regionais, todo este capital está sub-utilizado pelas limitações no arranjo turístico, o que permitiria entender parcialmente o motivo do crescimento abaixo da capacidade do município.

Já Gravatá possui um capital cultural focado na cooperação entre os agentes, que atuam com base nas tradições do Agreste e no aproveitamento de elementos de culturas européias, devido ao seu clima. É evidente que a arquitetura distingue Gravatá e a consolida como espaço cultural, além da culinária e do clima serrano. Aliando este capital cultural com a recente duplicação da BR-232, houve uma conjugação de fatores positivos que levou a um intenso crescimento na economia em um município que tem IDH acima da média da mesorregião.

O turismo agrega várias demandas e faz com que agentes de segmentos econômicos distintos se comuniquem em função de um único fim: atender ao fluxo turístico. O capital cultural de Gravatá se diferencia mais ainda das demais cidades por contar com uma forte tradição de associativismo originada no Círculo Operário. Tal tradição findou por gerar uma identidade que é visivelmente observada no comportamento de seus agentes quando atuam fazendo parcerias dentro da atividade turística, o que está garantindo um desenvolvimento superior à média regional em decorrência do seu capital cultural.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

- BOURDIEU, P. *Forms of capital* in J. C. Richards (ed.) **Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education**. New York: Greenwood Press, 1983.
- BOURDIEU, P. **La distinción**. Madrid: Taurus Humanidades, 1991.
- BOURDIEU, P. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- COLEMAN, J. C. **Foundations of Social Theory**. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1994.
- FERNANDES, A. & BONFIM, W. *A democratização da gestão municipal no Brasil: a abordagem teórica do objeto* in LUBAMBO, C., COELHO, D. & MELO, M. (orgs). **Desenho institucional e participação política: experiências no Brasil contemporâneo**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- FREITAG-ROUANET, B. *A cidade brasileira como espaço cultural* in **Tempo Social** (Revista de Sociologia da USP). USP: São Paulo, 12(1): 29-46, maio de 2000. pp. 29-46.
- FUKUYAMA, F. **Confiança: as virtudes sociais e a criação da prosperidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- GOMES, W. *Esfera pública política e media: com Habermas, contra Habermas* in RUBIM, Antonio Albino Canelas; BENTZ, Ione Maria Ghislene & PINTO, Milton José (orgs.). **Produção e Recepção dos Sentidos Midiáticos**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- HIGGINS, S. S. **Fundamentos teóricos do capital social**. Chapecó: Argos, 2005.
- MATTHEWS, R. C. O. *The economics of institutions and the sources of growth*. **The Economic Journal**, v. 96, pp. 903-918, dec 1986.
- PUTNAM, R. D. **Bowling Alone. The collapse and revival of American community**. New York: Simon and Schuster, 2000.
- WOOLCOCK, M. & NARAYAN, D. **Social capital: implications for development theory, research, and policy**. *The World Bank Observer*, vol. 15, n. 2, agosto 2000. pp. 225-249.